

TECTONOSSEQUÊNCIAS E O EVENTO RIFTE NAS BACIAS INTERIORES: INTEGRAÇÃO E CORRELAÇÕES COM OUTRAS BACIAS DO NORDESTE DO BRASIL

Emanuel Ferraz Jardim de Sá¹; Claiton Marlon dos Santos Scherer²; Debora do Carmo Sousa³; Valéria Centurion Córdoba⁴; Fernando César Alves da Silva⁵

¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE; ² UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL; ³ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE; ⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE; ⁵ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

RESUMO: As Bacias Interiores integram o ramo abortado do rifteamento eocretáceo no Nordeste. Um outro ramo evoluiu até a formação da margem passiva Leste, incluindo as bacias Sergipe-Alagoas (BSA) e Pernambuco-Paraíba (BPP). Na Margem Equatorial, a separação dos continentes obedeceu a um regime fortemente oblíquo (transformante), durante o Aptiano-Albiano. A distribuição dos remanescentes sedimentares evidencia que o rifte neocomiano foi estruturado ora sobre o embasamento pré-cambriano, ora sobre bacias mais antigas, tipo sinéclise (tectonossequências paleozóicas) ou de contexto ainda impreciso - caso da Tectonossequência Juro-Triássica, ou "Pré-Rifte". A mesma pode representar um estágio inicial do rifte neocomiano (assumindo idade Tithoniano/Andar Dom João) ou uma sinéclise juro-triássica; em Lavras da Mangabeira, diques datados ca. 198 Ma, intrusivos em pelitos e arenitos sotopostos, levantam a hipótese de grabens juro-triássicos. Nesse contexto, a discordância basal da Tectonossequência Rifte é de natureza erosional ou angular de baixo ângulo, sendo desmembrada em outras de menor ordem: (i) Sequência de Início de Rifte (SIR), exemplificada pela porção inferior das formações Missão Velha (BAr), Serraria (BSA) e Antenor Navarro (Rio do Peixe, BRP); a presença de troncos fossilíferos nas duas primeiras pode implicar numa idade um pouco mais antiga para as mesmas (Andar Dom João ?); (ii) Sequência(s) Sinrifte (SSr), compreendendo unidades de arenitos, ou pelitos com intercalações predominantemente siliciclásticas. Nas Bacias Interiores, a SSr corresponde ao Andar Rio da Serra. Fácies de leques aluviais ocorrem nas bordas falhadas da BRP, mas são ausentes ou pouco expressivas nas demais bacias. No topo da SSr, um importante hiato abrange o intervalo Aratu-Alagoas médio. Na BSA e BPot, as sequências SSr variam, podendo corresponder ao Rio da Serra médio a Alagoas médio (SE) ou Albiano médio (AL). Na BPP, os registros da SSr variam do Alagoas médio ao Albiano médio. No interior e margens continentais, semi-grabens com orientação NE-ESE e basculamento para SE ou NW estão associados a um regime cinemático de distensão NW, incluindo transtensão sinistral em falhas E-W. Esse regime se apresenta diferenciado reologicamente, conforme afete as tectonossequências Rifte (que apresentam estruturas variando de sindeposicionais, pré-sinlitificação a pós-litificação, hidroplásticas a cataclásticas) ou pré-rifte (predominantemente cataclásticas). O controle pelas zonas de cisalhamento brasileiras é nítido. Falhas normais são nucleadas nas zonas NE, enquanto que as zonas E-W condicionam falhas normais sinistrais. Dobras, comumente sinclinais (estruturas de propagação ou formadas nos encurvamentos de falhas), acompanham as bordas falhadas dos semi-grabens. Nas Bacias Interiores, a BAr é a única a preservar o registro de uma sequência tardi a pós-rifte, de idade Neoaptiano a Eoalbio. A Formação Barbalha repousa em discordância angular sobre a SSr, mas é afetada por falhas que deslocam significativamente a sua base; a Formação Santana, sobreposta, é pouco afetada. Ambas podem ser correlacionadas com a Sequência Transicional, da Margem Leste. Na BSA, a Formação Muribeca exibe tanto o condicionamento por falhas quanto por um regime de subsidência sag, sendo considerada como ainda pertencente à Tectonossequência Rifte. Na Margem Equatorial, as unidades cronocorrelatas (boa parte da seção aptiana) registram a deformação transtracional dextral que caracteriza a sua abertura.